



O VENDEDOR DE MELANCIAS.

## NAPLES E O VESUVIO.

NAPLES tem sido considerada como a segunda cidade da Italia em tamanho ; mas talvez que se deva reputar a primeira quanto á belleza da situação e bondade do clima. É notavel por suas muitas e sumptuosas igrejas, soberbos palacios, alguns estabelecimentos publicos, a rua de Chiaia, o theatro de S. Carlos, e o museu Bourbon. Esta collecção magnifica de antiguidades está n'um vasto e sumptuoso edificio começado pelo vice-rei Pedro de Toledo, e acabado n'este seculo pelo rei Fernando : consta dos infinitos e curiosissimos objectos achados em Herculanium, Pompeia, Pouzzolo, &c., e da famosa galeria Farnesia, que tocou ao rei por successão, e que d'antes era uma das preciosidades de Roma : divide-se em dez classes distinctas, como por exemplo ; estatuas ; antiguidades egypcias, ; bronzes ; quadros ; biblioteca ; moveis antigos, &c. : — cadauma classe occupa galerias ou salas differentes: a universidade é um edificio immenso : é bello o aqueducto que da falda do Vesuvio trar agua á cidade ; esta é protegida pelas tres fortalezas, denominadas de Santelmo, castello Novo, castello do Ovo ; — são em grande numero, e algumas sumptuosas, as fontes publicas ou chafarizes ; mas nem tem grandiosas praças, nem muitos dos attributos de uma grande capital. As ruas em geral são montuosas, estreitas, mal alinhadas, e pouco limpas ; a este respeito observaremos o se-

VOL. I. — JANEIRO 23, 1847.

guinte. Este clima, celebre pela pureza do ar, é talvez o da Europa que recebe mais agua pluvial ; é verdade que isto só acontece n'uma estação, e poucas vezes : na cidade e nos arredores nunca ha neveiros, nem céu bruscó : ha mezes de calor, ou mezes de chuva, mas chuva dos tropicos, caíndo sempre a agua com grandes trovoadas, mais temerosas pelo prolongado rebombo que motiva a rarefacção do ar e ainda mais a repercussão nas montanhas visinhas. Quando o céu abre as cataractas, parece ameaçar de segundo diluvio universal : em Paris era agua para dois mezes a que em Napoles cae em poucas horas. Depois renova-se a longa enfiada de dias bonitos ; do que resulta que não se fazem obras para resguardar do mau tempo, e não se vêem carruagens que não sejam descobertas ; por quanto o napolitano, habituado ao sol claro, encerra-se cautelosamente em casa nos dias chuvosos ; d'estes grandes aguaceiros resulta, todavia, um bem para a cidade, porque a lavam ; e é pelo que os habitantes esperam ao que parece, visto que pelas ruas nunca passa a vassoura : e comtudo ha um official, *il portulano*, incumbido da policia e limpeza das ruas, cargo que desempenha mal, por quanto apparecem immundas : apesar d'esta falta d'aceio, é tão benigno o clima que não ha epidemias. Os montes que circumdam a cidade, nas ladeiras dos quaes estão edificadas ruas declives, dão causa a que as aguas correndo em cheias para a parte chã, arrebatem quanto encontram na passagem ; d'isso precedem ás vezes graves accidentes, até de

perda de vidas. — Os napolitanos, que fallam sempre por figura, chamam a estas cheias assim engrossadas, a lava, alludindo á do Vesuvio. Quem disse que no mercado de Paris se faziam n'um dia mais figuras de rhetorica do que se acham no discurso mais floreado, nunca esteve em Napoles; ahí é que acharia verdadeiramente a terra das metaphoras; nenhuma cousa chamam pelo nome: os generos são apre-goados no mesmo estylo; quem vende peras ou maçãs cosidas grita: *beato chi tiéne la tossa*: «bemaventurado o que tem tosse:» tudo é hyperbolico, o vendedor de melancias brada a esfalfar-se: *che galanteria, vero sorbetto!* «oh que bella cousa, é mesmo sorvete!» levantando ambas as mãos acima da cabeça e mostrando as duas metades da melancia que acabou de partir: e com effeito merece este fructo ser gaba-do é mostrado; nós, os portuguezes, bem o sabemos apreciar nos mezes calmosos. A tenda do homem que o vende é simples (vêde a estampa), nem os utensilios são numerosos; basta-lhe uma faca larga e comprida, que meneia com incrível presteza; n'um momento é partido o fructo, mostrado ao publico, talhado, e consumido pelas mãos, ou mais correcto pelas boccas dos seus affeioados, que fazem apertão e se acotovellam ao redor do apparatus da venda; consiste esta n'uma longa mesa um tanto inclinada, na qual laboram um ou dois homens, conforme o gasto da fazenda: ao lado está um vasto armario em prateleiras onde tem collocadas as melancias, partidas ou inteiras, que pelo tamanho enorme ou pela cor viva attrahem a vista. Na muralha, ou n'uma bandeira suspensa das ramagens que enfeitam um mastro, ha uma pintura de Polichinella trazendo ás costas um dos fructos com que parece gemer carregado, ou outros que taes borrões: ás vezes são dois figurões a serrar uma desmesurada melancia. Este trem de ordinario é posto ao pé de uma barraca, chamada a gruta, guarnecida de bancas e assentos onde tomam lugar os que não querem comer na rua.

Se a vida sedentaria aperfeiçoa a ordem social, o sol de Napoles, que permite viver na rua, introduz nos habitos da plebe uma aspereza bruta. Paris e Londres são duas cidades sem duvida tumultuosas: pois bem, são charneças, ermos em comparação com aquella: quem não tiver visto Napoles bradará que isto é exagerado, quem lá esteve achará diminuta a comparação. A bulha faz pasmar, e ensurdece até a pessoa que pela primeira vez percorre a cidade. Que significam aquelles berreiros? Onde vai aquella turba popular, que se encruza, se embate, e se precipita em todas as direcções?... Estará o inimigo ás portas de Napoles? Faria S. Januario algum milagre novo?... Ameaça o Vesuvio; ou tracta-se de alguma grande festa? — Nada d'isso; esta bulha é diaria, e muitas causas a produzem.

Napoles fica entalada entre uma cadeia de montes que lhe são inteiramente sobranceiros; as ruas, compridas e estreitas, são calçadas de grandes lagens, e ôcas por baixo: as casas de cantaria não teem menos de cinco andares. Ajunctai a isto mais de trezentas igrejas e outros tantos palacios, que fazem echo; fa-zei rodar ao mesmo tempo sobre essas lagens retumbantes dez mil carruagens e outros vehiculos de todo o lote e de todas as fórmãs, e carros puxados a bois, que levam ao pescoço grandes campainhas; junctai a esta molinada o estrendo que fazem as diversas profissões que todas teem seu exercicio nas ruas, o carrilhão de setecentos a oitocentos sinos, os gritos de cento e cinquenta mil homens; e talvez podereis fazer idéa do tumulto d'esta cidade ruidosa. — Da bahia e do vario destino de Napoles fallámos a pag.

311 do 2.º vol. da 1.ª serie. Deixemos, porém, agora a cidade, e prosigamos com o Vesuvio.

### *Erupções do Vesuvio.*

A primeira erupção do Vesuvio, de que a antiguidade nos deixou particularizada noticia, foi a que succedeu no reinado de Tito, no anno 79 da era christã: comtudo seria engano pensar que não fóra precedida de outras (1). Dezeseis annos antes acon-tecêra, como presagio d'aquella, o destruidor terremoto, que Seneca philosopho relatou n'estas poucas palavras. — «Pompeia, aquella cidade celebre da Campania, proximo á qual a praia de Surrentum e de Stabia por um lado e a de Herculanium pelo outro formava, pela junção e retrahindo-se, um golpho agradável, acaba de ser arruinada e os seus ar-baldes mui damnificados por um terremoto no inverno, isto é, na estação que os nossos antepassados julgavam isenta de perigos d'esta natureza. A Campania, que nunca estivera sem sustos, mas que pelo menos escapára até então dos assaltos, foi em grande parte assolada por estes violentos abalos do globo: uma porção de Herculanium foi destruida; a colonia de Nocerina estragada; a cidade de Neapolis soffreu mais perdas particulares do que publicas, sendo levemente accommettida d'esse espantoso flagello: muitas casas de campo sitas nas corôas dos montes senti-ram repelliões sem resultado. Accrescentam que ficou soterrado um rebanho de seiscentos carneiros; que se fizeram em pedaços estatuas; e que depois do funesto acontecimento viu-se vaguearem nos campos homens perdidos do sizo.» —

Plinio o moço narra com circumstancias miudas e sobremodo curiosas, nas suas cartas (ep. 16.ª e 20.ª do liv. 6.º), a fatal erupção de 79 que deixou memórias indelévels. Começa por contar a morte de seu tio, Plinio o naturalista, que pereceu n'essa erupção, victima da sua coragem e do amor á sciencia. Achava-se este em Miseno commandando a frota romana; curioso de observar de perto tão espantoso phenomeno, e desejoso de prestar soccorro aos desgraçados ameaçados da morte, mette-se em um navio, atravessa o golpho, e passa a Stabia: reina por toda a parte terror e confusão, por toda a parte se foge. Comtudo Plinio, para socegar seu amigo Pomponiano, em casa do qual se alojára, passa pelo somno; porém, acordado pelo tumulto, vê-se constrangido a fugir para a praia, onde, achando o mar muito revoltado para poder embarcar, pára, pede agua, e faz estender uma coberta em que se deita; d'ahi a pouco, chammãs que cada vez se mostravam maiores e o cheiro d' enxofre que annunciava a aproximação d'ellas, pozeram em fuga quem o acompanhava. Levanta-se, encostado a dois servos que o não desampararam, e no mesmo instante cõe morto: passados tres dias, achou-se no mesmo sitio o corpo inteiro, com o vestido intacto, e na postura de homem que repousa.

Decorrido um seculo, Plutarcho accrescenta muito estas particularidades, e d'ahi a cincoenta annos Dion Cassio de mais a mais as recheia de contos maravilhosos e de fabulas inventadas e propagadas pelo povo: diz que se seguiu uma grande fome; que abalaram todo o territorio tremores espantosos acompanhados de estrondos fortissimos e singulares; que as pedras e os rolos de fogo e fumo despedidos pelo volcão eram taes e tantos que obscureciam os ares e o sol parecia eclipsado. Verdade é que todos estes phe-

(1) Continuado de pag. 156.

nomenos tiveram logar com grande intensidade, que as torrentes de lava incendiada e montes de cinzas alagaram e destruíram tudo, e sepultaram duas cidades inteiras, Herculanium e Pompeia, na occasião em que o povo estava no theatro; o vento despargiu as cinzas para sitios mui afastados, e em Roma causaram grande terror. Gallieno e Eutropio escrevem no mesmo sentido.

(Continúa.)

## COLOMBA.

### Romance da Corsega.

Povera, orfana, zitella,  
Senza cugini carnali! —  
Ma per far la to vendetta,  
Sta sigura, vasta anche ella.  
*Lament. funeb. de Niolo.*

### III

CONFORMANDO-NOS com o preceito de Horacio — *in medias res*, — em quanto dormem os nossos heroes aproveitaremos a opportuna occasião d'entrar em algumas explicações essenciaes para bem se colher o fio d'esta mui veridica historia.

Já o leitor sabe que o pai de Orso, o coronel della Rebia morrêra assassinado; mas na Corsega não se morre assassinado, como nos outros reinos, por um fugidiço das galés, ou por um ladrão de casas. Morre-se da mão dos inimigos; e a difficuldade toda está em conhecer o motivo por que ha esses inimigos. Familias inteiras alimentam odios encanecidos, e se as interrogarem não acertam com a razão das suas discordias.

A familia do coronel della Rebia, entre outras, detestava mais que nenhuma a casa dos Barricini. Dizia-se que a origem da contenda subia ao seculo XVI; um della Rebia seduzira uma Barricini, e caíra apunhalado pelos parentes da donzella offendida. As malquerenças continuaram desde então — e mais de uma vez o cadaver dos membros de ambas as familias gotejára sangue ao limiar das respectivas casas.

Causas pequenas e quasi vãs provocaram, ou, mais exacto, exacerbaram a antiga animadversão dos della Rebia com os Barricini; pouco antes da epocha em que principiã a nossa acção. A politica veiu ajunctar-se ás questões particulares, e envenena-las mais. Della Rebia servira Napoleão; — o cabeça dos Barricini era pelos Bourbons. A mulher do coronel, ao expirar, pediu que a sepultassem no meio d'um bosque, que em vida a distrahira das grandes máguas pela sua grandiosa solidão. Barricini, maire, ordenou que a enterrassem por força no cemiterio publico. Os dois partidos armaram-se, desafiaram-se, e juraram o mutuo exterminio. Quarenta aldeões com clavinas, apoderando-se do cura, ao saír da missa, obrigaram-no a acompanhar o enterro da defuncta e a benzer a terra do bosque onde se lhe tinha feito a cova. O maire com os gendarmes (soldados municipaes) e muitos dos seus clientes acudiram para atalhar este plano. Apenas se avistaram, de parte a parte romperam injurias, voaram maldicções, e tiniu o salto do ferro das espingardas que se engatilhavam, Barricini viu o ar tempestuoso, e naturalmente prudente deu ordem de retirada á sua gente, que deixou livre a estrada por onde os amigos do coronel della Rebia seguiram triumphalmente a sua marcha victoriosa.

Como é de suppor, resultou d'este motim requintarem os odios, e repetirem-se os desgostos e conten-

das que maus visinhos tanta occasião teem sempre de promover ou excitar.

Um processo intentado pelo advogado Barricini ao coronel estava para se julgar, quando o inimigo de della Rebia appresentou ao procurador regio uma carta escripta por um salteador afamado, em que o ameaçava de lhe incendiar a casa e de lhe cozer o peito de punhaladas, se insistisse na demanda. Na Corsega é de uso empregar este meio extra-juridico nas causas, e o maire já se lisonjeava de cobrir o seu adversario do odioso, quando Agustini, como salteador de brio, escreveu elle proprio ao procurador regio, queixando-se de que lhe falsificavam a letra e denegriam o character, assacando-lhe semelhante carta, e concluia — « se eu souber quem foi o culpado, protesto puni-lo exemplarmente. » — Agustini era homem de palavra — o caso ia-se complicando deveras.

Dois mezes depois d'este acontecimento, ao cair da tarde, ouviu uma mulher de Pietri dois tiros, que soavam d'um valle estreito, cavado cento e tantos passos do sitio em que ella ia. Ao mesmo tempo viu um homem fugir, curvo e rente com o chão, por entre as vinhas, e tomar o caminho da aldeia. O homem parou instantes e virou-se como para observar, mas a distancia não lhe permittiu conhece-lo: com a mão elle acenava a um companheiro occulto, que a testemunha nunca apercebeu, e d'ahi a pouco sumiu-se inteiramente.

A mulher de Pietri galgou a encosta a correr, e descendo-a achou o coronel della Rebia banhado em sangue, ferido no peito de duas ballás, e suspirando ainda. Tinha ao pé de si a clavina engatilhada, como quem se defendia de frente quando outros o atacaram pelas costas. As convulsões e o estertor não lhe deixavam proferir palavra. Debalde a pobre velha tentou anima-lo, e fazer-lhe perguntas — via-o abrir a bocca, mas inutilmente: não tinha força já para responder. Notando o gesto de levar a mão ao peito, procurou ella no seio do coronel e tirou uma carteira, que lhe offereceu aberta. O ferido, com o lapis traçou confusamente muitas letras que, não sabendo ler, a testemunha não podia perceber. Emfim, desfallecido d'este ultimo esforço, della Rebia deixou-lhe cair na mão a carteira, e encarando-a com estranha attenção mexeu os labios — parecia dizer — « É o nome do meu assassino. » —

Seguiu-se um processo intentado aos Barricini — as suspeitas eram contra elles, porém provas não as havia. Foram absolvidos, e Colomba, a pobre orphã, segunda o costume nacional, recitou uma *ballata* diante do ataude de seu pai. E esta *ballata*, popular em toda a Corsega, era a mesma que o marinheiro do hiate cantava a miss Lidia, quando a chegada de Orso o fez emmudecer. Mas Colomba era verdadeira filha d'aquella terra aspera e indomavel. A esperanza de vingar um dia o sangue do pai morou-lhe sempre no coração, e incarnou em toda a sua existencia. Vendo Orso, esta esperanza, tantos annos secreta e comprimida, floriu — e n'aquella noite em que, pela primeira vez depois de largos annos, o mesmo tecto abrigava os dois orphãos, tanto tempo separados — apertando contra o peito o cabo do punhal, que escondia no seio, como a abelha o seu ferrão — entre as fervorosas orações de filha e a innocencia pura de virgem, não sentiu remorsos de offerecer a Deus tambem entre o incenso das supplicas o pensamento cruel de um crime projectado. — « Ao menos, dizia comsi-go, os Barricini morrem da mão de um homem! »

É que se Orso faltasse, ella, mulher fraca e desamparada, inspirada pelo fanatismo do amor filial e pe-

lo entusiasmo dos costumes populares, tinha animo de comprehender, só, a obra de vingança que na sua fé ingenua e quasi selvagem imaginava que Deus fadára ao tenente Orso della Rebia. (Continúa.)

#### DIANA CAÇADORA.

JOÃO GOUJON, appellidado restaurador da escultura em França, nasceu em París no seculo XVI, quando o poderoso impulso dado ás artes na Itália se communicava á França, e excitava aquella admiração intelligente da arte antiga, que produziu n'este reino tantas obras primorosas em tempo de Francisco I e seus successores. — Da carreira da sua existencia não se referem incidentes notaveis; a historia da vida de grande parte dos homens de talento cifra-se no catalogo e exame de suas obras. Porém a morte d'este artista procedeu de uma circumstancia singular: estando sobre um andaime a trabalhar nas decorações do Louvre velho, foi ferido de um tiro d'arcabuz no celeberrimo dia de S. Bartholomeu (1572); e assim pereceu mais esta victima do fanatismo religioso; se é que o não foi da ignobil inveja ou da traçoieira vingança; porque n'esses deploraveis tempos se aproveitavam, como sempre, mesquinhos odios particulares, para, no tumulto das discordias civis, saciarem-se impunemente em meio da confusão e desordem.

Goujon é muito popular na sua patria; e o cognominam Phidias francez, Corregio da escultura. Ainda se admira em París a bella fonte dos innocentes, erigida em 1550 de encontro a uma casa da rua de S. Diniz, e transferida em 1788 para o meio da praça que actualmente aformoseia: é obra de magestosa simplicidade, e os baixos relevos são tão salientes que parecem despegados da mole de pedra em que foram abertos. Outra composição sua n'outro genero, colos-

sal e grandiosa, é a tribuna da sala dos cem suissos, no Louvre.

Henrique II empregou este artista no aformoseamento do castello d'Anet, que ficou celebre por ter sido residencia da formosa Diana de Poitiers. Este castello hoje só dura nos versos da Henriada e nas relações dos chronistas; posto em almoeda e vendido como pertencente aos bens nacionaes no tempo da revolução, foi comprado, segundo se diz, por particulares que pretendiam salvar da destruição as obras dos maiores artistas francezes do seculo XVI, Felisberto de Lorme e João Goujon: infelizmente os compradores não podiam ter a casa sem a propriedade rustica, e ficaram com as suas boas intenções; os materiaes do edificio venderam-se, e os baixos relevos serviram para resgate de prados e mattas: á excepção do portal da entrada, de parte do corpo esquerdo do palacio, e da capella, tudo foi deitado abaixo. Estava a marreta dos demolidores a ponto de fazer desaparecer de todo a bella portada interior do primeiro atrio, quando Mr. Lenoir, fundador do museu de monumentos francezes, a salvou adquirindo-a para o estabelecimento que tinha acabado de crear. O formoso grupo, de que a nossa gravura dá ideia succinta, o braço do mesmo Goujon, foitambem resgatado de Anet pelo zelo de Mr. Lenoir; e os entendidos o contemplam no dicto museu, na sala dos esculptores francezes. Esta preciosa escultura havia sido arrancada da base, levada a distancia de dez leguas, e partida para extrahirem os tubos de cobre ou de chumbo que serviam de canos aos repuxos; por quanto, depois de haver ornado, na sua origem, o centro do atrio do castello, aquelle grupo fôra transportado para o eirado do jardim, ao meio de um arco de architectura rustica, onde servia de enfeite a uma fonte de repuxo. Os vandalos ficaram com o chumbo, e a pedra pertenceu a Mr. Lenoir, que ajunctando-a e compondo-a a restituiu á França.



O artista representou a caçadora Diana dos gregos, a robusta e casta filha de Latona, cujo typo d'estylo antigo apparece em jardins e museus a par do Apollo de Belvedere. A deusa encosta-se com gentil indolencia a um veado manso, e acompanham-n'a seus cães Procion e Syrio: a caçadora intrepida, que sempre corre por montes e selvas, parou a tomar algum descanso: vê-se em todo aquelle corpo feminino, tão puramente desenhado, não sei que engraçado abatimento, em que se reconhece toda a fadiga de uma

longa excursão. Comtudo o artista, que possuia em grau subido o sentimento da arte antiga e da idéa religiosa de que ella é sempre representação symbolica, não deixou embrandecero cinzel no contorno d'aquella postura negligente: a cabeça da deusa, que os antigos poetas figuraram avultando sobre as nymphas de sua companhia como a copa do carvalho acima dos arbustos da floresta; a garganta, a parte superior do peito, manifestam certa robustez e energia: não é uma parada de caçador exausto por cansaço,

é um repouso de immortal, a tregua de momentos concedida pela terrível caçadora aos habitantes dos bosques; pensamento gracioso que parece ter occorrido ao esculptor pondo ao lado da deusa o corpulento e bello veado, a quem ella como o braço direito abarca o pescoço tão cheio de musculos e de vigor: este formoso animal foi esculpido com infinito esmero. Os contemporaneos de Goujon admiraram extremamente n'este grupo magnifico o cervo e os cães, pois que o reprehendiam de fraquejar n'este genero, como parece dos baixos relevos da capella d'Ecouen: o artista doeu-se da censura, e applicando-se fez muito mais do que se esperava. Este grande progresso é mui digno de observação, por isso que nasceu de nobre emulação. Benevenuto Cellini, que passára alguns annos na côrte de Francisco I (vid. a pag. 132 d'este vol.), tinha feito para este monarcha um baixo relevo representando uma nympha cercada de animaes montezes: esta peça foi posta de banda n'algun armazem, e depois da morte do rei deram-lhe outro destino; em vez de a assentarem no castello de Fontainebleau, serviu para ornato do de Anet. Viu-o Goujon, e contemplando attonito a perfeição com que foram modelados os animaes alli esculpidos, formou logo tenção de imita-la; e não querendo ficar atraz d'este modelo, o seu talento chegou ao nivel da sua vontade: conseguiu igualar, senão exceder, o seu emulo. — Existe no Louvre o grupo de Goujon, restaurado para as artes por Mr. Lenoir.

#### EXPEDIÇÕES DE TRES POTENCIAS AO POLO AUSTRAL.

(Continuado de pag. 158.)

##### *Expedição franceza.*

A EXPEDIÇÃO franceza constava de duas corvetas, *l'Astrolabe* e *la Zélé*; a primeira commandada pelo capitão *Dumont d'Urville*, a segunda pelo capitão *Jacquinot*. Ambos os navios apparelharam da enseada de Toulon a 7 de setembro de 1837. Transportaremos a expedição á data de 27 de fevereiro de 1838, aos 62° 50' de latitude sul, e 59° 18' de longitude ao occidente do meridiano de Paris. É d'este ponto que o capitão d'Urville avistou a terra a que poz nome de *Luiz Filippe*. N'essas mesmas paragens descobriu igualmente: 1.º outra terra ao oriente da primeira, a que chamou *Joinville*: 2.º outras muitas ilhas que nas suas cartas designa pelos nomes de *Astrolabio*, *Rosamel* e *Daussi*: 3.º o braço de mar que separa as terras da Trindade da terra Luiz Filippe, e que denominou *canal d'Orléans*: 4.º ao norte d'este canal descobriu mais as ilhas *Jurien* e *Dumoulin*. Depois d'estas operações, o capitão d'Urville já não teve possibilidade de levar por diante as suas investigações; adiantando-se ameaçadora a estação, dirigiu a expedição para a Terra de Van-Diemen com o intento de repetir no anno seguinte a exploração do polo antarctico.

No 1.º de janeiro de 1840 larga de Hobard-town, e encaminha-se ao polo austral; a 18 do mesmo mez acha-se em 64° de latitude sul e 139° de longitude leste. D'este ponto descobre na parte sul, a grande distancia, uma terra a que só pôde arribar a 21. Então expede uma lancha que não toma terra senão depois de vencidas inauditas difficuldades: o capitão dá a essa terra o nome de sua esposa, *Adelia*.

A terra *Adelia*, por 66° de latitude, estende-se

em longitude dos 134 aos 140° ao oriente do meridiano de Paris.

A 23 a expedição já tinha seguido por espaço de vinte leguas a costa d'essa terra nova, não sem muitos soffrimentos por causa do estado do mar e das rajadas intermittentes do vento, que precipitando os navios, ora para montes de gelo ora um para o outro, tinha-os incessantemente expostos aos maiores perigos, porque em taes circumstancias uma simples cinta de duas pollegadas separa o homem da eternidade. Levantando-se um temporal, as corvetas se desgarraram pela primeira vez; mas o vento acalmou, e se tornaram a encontrar sem padecerem avaria grossa.

A *Adelia* cerrava á expedição o rumo do sul, porém o capitão nem por isso deixou de proseguir em sua navegação penosa á mercê dos ventos e das circumstancias, o que lhe trouxe, aos 30 de janeiro, o conhecimento de outra nova terra, a que chamou *Claria*, nome da esposa do capitão *Jacquinot*, commandante da *Zélé*. Acha-se esta terra pelos 65° de latitude, e entre 132° e 139° de longitude ao oriente do meridiano de Paris.

O capitão d'Urville, depois de a costear obra de cincoenta leguas, dirigiu-se novamente para o sul, onde se achou bem depressa envolvido nos gelos, e arrebatadamente retido por uma serra d'elles impenetravel. Teve ainda a felicidade de sair d'esta posição perigosa, e livre em seus movimentos tomou outra vez a direcção do polo, luctando trabalhosamente contra os obstaculos com uma efficacia de que só elle era capaz. Comtudo não pôde alcançar a mais do que os 66° 35' de latitude sul, e 137° 48' de longitude leste. N'este ponto não se notava na agulha magnetica declinação, e obedecia ella a qualquer aproar do navio; a agulha d'inclinação tomava a vertical: alli é que principalmente foram feitas as delicadas observações do capitão d'Urville; e d'ellas resulta que o polo magnetico austral acha-se aos 71° 45' de latitude, e 133° 40' de longitude ao oriente do meridiano de Paris. — Segundo as cartas da expedição é que o auctor d'este artigo fixou esta posição. —

Acabada esta operação, talvez a mais importante da empreza, e estando as equipagens ha muito tempo cançadas de fadigas, e accommettidas já de doenças, o commandante, para não ser colhido nos gelos, deu-se pressa a largar paragens inhospitas, e dirigiu-se para o norte.

##### *Expedição ingleza.*

A expedição ingleza compunha-se de dois navios, o *Erebros* e o *Terror*: o primeiro commandado pelo capitão *Ross*, e o segundo pelo capitão *Crozier*. Estes dois vasos, de 350 toneladas e em tudo semelhantes, são de construcção particular e inteiramente adaptada ao serviço de exploração das regiões polares; são feitos em tres divisões, de modo que se uma parte do navio experimenta grossa avaria, ou mesmo se despega de todo, a equipagem não fica sem recurso, posto que em grande perigo.

Por occasião d'esta expedição, confiada aos capitães *Ross* e *Crozier*, fez-se a seguinte observação: — que estes dois officiaes desde a infancia foram ligados pela amizade mais intima; ambos saíram aspirantes, guarda marinhas, e officiaes ao mesmo tempo; nunca serviu um onde não estivesse o outro; ambos fizeram parte da expedição do capitão *Parry* ao polo boreal; e ambos estiveram tres annos retidos n'aquelles gelos do polo arctico.

A expedição ingleza larga da Europa a 15 de setembro de 1839, dirige-se para a terra de Van-Diemen, e no 1.º de janeiro seguinte, o Erebro e o Terror apparelham de Hobard-town; tempo favoravel os leva aos circulos polares. A intenção do capitão Ross era encaminhar-se para o polo pelo sudoeste. A 3 de janeiro ultrapassa um monte de gelo e continúa a sua derrota sem experimentar grandes difficuldades; em a manhã de 9 a expedição acha-se em mar perfeitamente desembaraçado e segue na direcção do sudoeste. Aos 11 do mesmo mez, de manhã, pelos 70° 41' de latitude sul e 172° 36' de longitude leste, a expedição houve vista de uma terra na distancia approximada de cem milhas e direcção sudoeste. Com este descobrimento o capitão Ross sentiu algum desgosto, porque aquella terra lhe fechava o rumo ao polo magnetico, cuja fixação era o mais importante alvo da sua commissão. Não obstante isso, tomou posse d'ella no dia 12 e impoz-lhe o nome da sua soberana, a rainha *Victoria*, e estabeleceu que as immensas montanhas a pique e nevosas, de que é totalmente formada, estão situadas pelos 71° 56' de latitude, e 169° 7' de longitude.

O capitão Ross calculou que, portando para o sul o mais longe que lhe fosse possivel, ultrapassaria o polo magnetico, que suppunha pelos 76°, e que governando depois para oeste o circularia completamente; seguiu pois esta terra tão importante, e chegou aos 21 de janeiro á latitude de 74°, 45". A 27 do dicto mez desembarcou em outra ilha por 76°, 8' de latitude; a qual é toda composta, como a primeira, de rochas volcanicas. A 28, ao despontar o dia, avistou uma enorme montanha de quatro mil metros d'elevação, que vomitava desmedidos róllos de fumaça e labaredas: este volcão, de grande actividade, recebeu do capitão Ross o nome de *monte Erebro*; é situado a 77°, 32' de latitude, e 167° de longitude leste: na parte oriental do volcão existe uma descompassada cratera, mas extincto o fogo, e um pouco menos elevada que o volcão; recebeu o nome de *monte Terror*. — Este continente conservava a sua direcção para o sul; e o seguiram até onde, na tarde do mesmo dia 28, a expedição foi estorvada por uma barreira de gelos que, partindo do cabo da costa, proseguia a les-sueste. Esta barreira, de 50 a 60 metros d'altura, deixava ver para detraz d'ella os picos nevados de uma cordilheira que corria a susueste por 79° de latitude. — O capitão seguiu a barreira a leste até 9 de fevereiro, epocha em que adquiriu a certeza de que ella se estendia por espaço de mais de cem leguas. Emfim, a expedição não parou senão diante de uma serra de gelos insuperavel, e comtudo estava de volta com ella, e se não viera em seu auxilio uma forte briza, achar-se-hia prisioneira nas regiões austraes, como já tinha acontecido nas boreaes aos dois commandantes; n'aquelle momento os thermometros estavam a 20° frio, e a sondareza dava 308 braças de fundo. — Tendo a ventura de sair de uma situação tão perigosa, o capitão Ross dirigiu-se para oeste, e a 13 de fevereiro achava-se pelos 75° sul, na impossibilidade de se approximar do polo magnetico senão a distancia de cincoenta leguas. — Novas tentativas de desembarque foram infructuosas, e os trabalhos do capitão Ross tiveram de limitar-se, n'aquellas paragens, a marcar o continente que acabava de descobrir, que se estende em latitude dos 70° aos 79°, ao qual vimos que denominou « *Victoria*. — A 25 de fevereiro, o capitão, tendo reconhecido tambem que a parte boreal d'essa terra acabava abruptamente nos 70° 40' de latitude e 165° de longitude leste, tractou até 4 d'abril de completar as suas observa-

ções, e neste mesmo dia poz prôa para Van-Diemen.

Resumindo os trabalhos das tres expedições colhe-se que revelaram ao mundo scientifico a existencia de muitas terras de que não havia suspeita na parte austral do globo; e a de montanhas volcanicas de quatro a cinco mil metros de elevação nos 80° de latitude, dá motivo a que se admitta um continente antarctico. Tambem o capitão Ross diz que não será por via terrestre que se poderá chegar ao polo austral.

D'este modo os physicos de futuro poderão deixar-se de estabelecer theorias sobre a possibilidade ou impossibilidade da formação dos gelos fluctuantes sem a concorrência de continentes, pois que não faltam no polo austral.

Os geologos devem tambem estar perfeitamente socegados quanto ao equilibrio do nosso planeta, pois que o pezo das terras arcticas é convenientemente balanceado pelo das terras antarcticas, e a posição do eixo da terra é estavel e segura ainda por bastante tempo.

Os engenheiros geographos em suas cartas substituirão d'ora ávante os rabiscos que empregavam como designação dos gelos fluctuantes nas regiões polares, por desenhos bem contornados das terras recém-descobertas por nossos ousados navegadores; e quanto á fixação do polo magnetico austral os trabalhos de d'Urville nada deixam que desejar.

#### MAHOMET OU MAFOMA.

(Continuado de pag. 154.)

Com effeito, apesar das asserções verbaes de Mahomet, apesar dos protestos d'Ali e d'Abou-Bekr, os proprios discipulos da religião nova ralharam da relação da viagem acria do apostolo de Deus, como chamavam então ao seu propheta. Convém observar que Mahomet, no Koran, não se atreveu a explicar-se claramente a respeito d'uma aventura tão inaudita. Eis-aqui o que elle diz: « Louvores áquelle que transportou o seu servo do templo de Meca ao templo de Jerusalem! » Lê-se em outro lugar: « Elle se levantou ao alto dos ares, e chegou á distancia de dois arcos, e até mais perto, do throno de Deus; e Deus revelou ao seu servo o que lhe revelou, e o seu coração não imaginou o que elle viu. Ireis vós pois disputar com elle ácerca do que viu? » Ainda que os auctores mais graves consideram a viagem nocturna como uma visão, e sustentam que Mahomet não foi transportado ao céu senão em espirito, a tradição transmittiu este facto como uma verdade que os musulmanos devem crêr sem exame. Nunca deixam de celebrar o anniversario d'esta viagem.

Comtudo o islamismo se foi propagando pelo interior da Arabia. Tendo vindo a Meca uma nova caravana de gente de Medina, abjurou a idolatria na presença de Mahomet. Então o propheta poz termo ao constrangimento. Até este momento tinha recommendado a paciencia aos seus adeptos: « Perdoai aos vossos inimigos, lhes repetia elle, aguardando a vingança de Deus. » Mas esta victoria lhe fez mudar de linguagem. « Os musulmanos podem combater com aquelles que lhes fazem injurias, disse elle aos seus partidarios; por certo que Deus tem forças para lhes mandar auxilio. »

Fez depois prestarem-lhe juramento de fidelidade, e os mahometanos juraram defende-lo como defenderiam as suas mulheres, filhos e famílias, e para lhes inflamar o animo prometeu a entrada no septimo céu aos que por elle morressem. Tomados de susto os magistrados de Meca, quando tiveram esta noticia, resolveram dar morte ao innovador. Mahomet previu o perigo e esquivou-se aos golpes. Fez partir ás escondidas para Medina os fieis sequazes, e passados dias saíu atraz d'elles. A este successo se chama *hegira*, d'uma palavra arabe que significa fugida, e depois serviu de epocha para todas as nações musulmanas. Corria então o anno 622 da nossa era, Mahomet tinha perto de cincoenta annos, e havia treze que prégava a sua doutrina.

Mahomet, sendo recebido em triumpho em Medina, lançou mão de toda a auctoridade espiritual e temporal, e os seus discipulos o reverenciaram como rei e pontifice. Tractou logo de fundar o seu poder e dar ao culto musulmano fórmas que bem pouca alteração teem tido. A primeira cousa em que cuidou foi edificar uma mesquita onde fosse orar com o povo; para dar o exemplo trabalhou n'esta obra com as suas proprias mãos. « Quem quer que trabalhar n'esta mesquita, disse elle, edificará para a vida eterna. » Tambem construiu uma casa para si, e outro tanto fizeram os companheiros da sua fuga. Mahomet, como o perseguiram violentamente, não curou senão de estender as suas leis á força d'armas. Vencedor muitas vezes, vencido algumas, attribuia as victorias ao Eterno, e as derrotas aos peccados dos seus soldados. Durante o combate de Berd, contra os de Meca, batia Mahomet no peito pronunciando esta oração: « Oh meu Deus! deixas perecer os teus servos; ficarás sem adoradores sobre a terra! » Estava tão perturbado que chegou a dar-lhe um vagado. Cobrando animo de repente, fingiu que o anjo Gabriel lhe apparecêra, e exclamou: « Alegrai-vos: Deus nos manda soccorro! » Ao mesmo tempo monta a cavallo, e tomando um punhado de areia, lança-a á cara dos seus inimigos: « Que as suas faces sejam confundidas », bradou elle. Os seus guerreiros tentaram um ultimo esforço, e ganharam a batalha. Passados alguns dias lançaram Mahomet do cavallo abaixo n'uma escaramuça. Cheio de contusões no rosto e com o corpo crivado de feridas, porém tranquillo no meio do perigo, não cessava de repetir: « Oh! como poderão prosperar os homens que ensanguentam assim a cara do seu propheta? »

Depois de muito sangue derramado, de conquistadas e destruidas muitas cidades, ajustaram os de Meca treguas por um anno, durante as quaes era o propheta senhor de vir em romagem á Caaba. Por esse tempo aconteceu a Mahomet um caso triste. Na guerra que sustentou contra os judeus de Khaibar, uma rapariga que perdêra o irmão e lhe queria vingar a morte, envenenou um quarto de carneiro de que o propheta havia de comer. Ao primeiro bocado que Mahomet enguliu conheceu que tinha veneno, e atirando com elle fóra, exclamou: « Este carneiro me adverte de que está envenenado! » Os musulmanos apregoaram que era milagre, e o quarto de carneiro foi por muito tempo venerado como reliquia. Mas o veneno já tinha lavrado nas entranhas do propheta, que nunca mais teve saude.

Deu-se depois a pôr em pratica o projecto de sujeitar a Meca, sua patria; já tinha feito a primeira peregrinação esplendida, durante a qual uma multidão de idolatras abraçara a sua causa. Apesar do tumulto das armas, a entrada de Mahomet em Meca teve um character religioso; elle se havia revestido

com o habito dos peregrinos, e avançou recitando em tom solemne estas palavras do Koran: « Na verdade te concedemos uma victoria insigne; Deus te perdoou os teus peccados passados e futuros, afim de te cumular de graça, de te encaminhar pela via recta, e de te auxiliar com um poderoso soccorro. Foi elle que fez baixar ao coração dos fieis o descanso e a tranquillidade para lhes augmentar a fé com uma fé nova. Deus é grande e misericordioso. » O primeiro empenho de Mahomet foi visitar de nova a Caaba, e orar a Deus nos logares sanctos; depois, impaciente por apagar até o ultimo vestigio do culto profano, lançou por terra os idolos que cercavam a casa-quadrada. Mahomet chegou successivamente ao pé de cadauma d'estas divindades, e tocando-lhes com uma varinha que trazia na mão, dizia: « A verdade é vinda, seja a mentira anniquilada. » Ao mesmo tempo as faziam em pedaços, sem perdoarem sequer ás estatuas de Abrahão e de Ismael. Feita esta execução congregou Mahomet o povo e pronunciou o seguinte discurso: « Não ha outro Deus senão Deus, que cumpriu todas as promessas feitas ao seu servo, e poz em fuga a seus inimigos. Não adorareis d'hoje em diante vo-sos pais Abrahão e Ismael, que não eram mais do que homens como vós » (1).

O nono anno da hegira ficou sendo famoso pela affluencia dos embaixadores que vieram de todas as partes da Arabia dar os parabens a Mahomet das suas victorias; por isto este anno foi chamado o *anno das embaixadas*. Os auctores arabes comparam o seu numero com o das tamaras que pelo outono caem. Mahomet recebeu os deputados com muita dignidade e a Arabia quasi inteira se decidiu a considera-lo seu senhor e soberano. N'uma guerra contra alguns povos remotos, tinha o exercito do propheta de atravessar as terras dos antigos temouditas: Mahomet aproveitou esta occasião para pintar aos seus soldados a sorte de um povo incredulo: mostrou-lhes grutas abandonadas, moradas desertas, e ameaçou-os com o mesmo destino se caissem na mesma impiedade. Quando chegou ao meio do valle onde os temouditas costumavam vir buscar agua, vendo que os musulmanos se precipitavam na fonte para matar a sede que os devorava, conteve-os dizendo-lhes: « Abstende-vos de beber d'esta agua que serviu a povos injustos; fugi d'este pouso de maldicção, chorai sobre os vossos peccados, e temei soffrer um castigo tão rigoroso! » E logo cobrindo o rosto com o seu manto, esporeou a mula, e não parou na corrida em quanto se não viu fóra do valle.

Os arabes de Taief, unicos que tinham conservado o culto dos idolos, vendo-se a toda a hora alvo dos ataques dos musulmanos, propuzeram que abraçariam o islamismo, com tanto que lhes deixassem por um anno o exercicio do seu antigo culto e que os dispensassem da oração. Mahomet respondeu que a verdade não admittia dilacção, e que não havia religião sem orações. Submeteram-se os idolatras, e na Arabia não ficou povo algum aferrado ás practicas do paganismo. Trabalhosa empreza seria a de seguir Mahomet em todos estes passos que dava para que o seu

(1) Foi então que Mahomet quiz tractar com os mais poderosos reis como seu igual; escreveu a todos os principes christãos, judeus ou idolatras da Arabia e das regiões vizinhas, convidando-os a abraçar a sua religião. A formula das cartas era: Mahomet, apostofo de Deus, a . . . saude, &c. Cosroes, rei da Persia, deu-se por tão offendido por ver anteposto ao seu o nome de um homem que elle considerava seu escravo, que sem ler mais nada, rasgou a carta. Mahomet, ao ouvir isto, exclamou: « Assim seja rasgado o seu reino! » Os musulmanos não duvidam que por isso vieram a soffrer Cosroes e os seus estados toda a casta de desastres.

nome e principios religiosos triumphassem: com uma actividade infatigável, com uma ambição sem limites, viam-n'o espalhar emissarios pela Arabia-Petrea, pelas costas do Golpho Persico, e até por entre as tribus nomades da Mesopotamia. Sendo outra vez chegado o tempo da peregrinação quiz Mahomet tornar a ver a cidade onde nascêra; esta romaria patenteou os immensos progressos que fizera o islamismo. Cento e quatorze mil homens acompanharam o propheta. Tendo chegado a Meca, beijou Mahomet com respeito a pedra negra em que se suppõe estar encerrado o pacto de alliança entre Deus e os homens; depois deu as sete voltas do costume á roda da Caaba correndo ligeiro; porque como os seus inimigos mostravam acreditar que a idade e as fadigas o haviam quebrantado, quiz ostentar vigor extraordinario. Saindo depois da cidade, subiu á collina de Safa, e voltando-se para a Caaba proferiu estas palavras: « Deus é grande, não ha outro Deus senão Deus; elle não tem companheiros, Pertence-lhe o poder. Louvores lhe sejam dados. Elle é poderoso em todas as cousas; não ha outro Deus senão Deus. » Mahomet se dirigiu á collina de Merva, onde tambem fez uma oração; visitou todos os logares sagrados, e, quando acabou, fez descer do céu estas palavras: « Agora não ousarão nunca mais os descritos atacar a vossa religião; não os temais. Deus é poderoso e sabio! » O propheta completou piamente o sacrificio, immolando pela sua propria mão sessenta e tres camelos, numero dos annos que tinha; fez sacrificar mais trinta e sete pela mão de Ali. Acabadas todas as ceremonias, dispoz-se Mahomet para tornar a ver Medina.

Achava-se então o reformador no mais alto grau de poderio; nenhum homem, nenhum povo na Arabia era capaz de lutar contra elle. Senhor absoluto da peninsula, tudo faz acreditar que não tardaria em levar a guerra a paizes distantes, quando dolorosa enfermidade o levou ao tumulo. Depois da traição de Khaibar, o propheta não cessára de sentir os estragos do veneno. Quando voltou a Medina, cresceram as dores, e, a 26 de maio de 632, recolheu-se á cama em casa de Aiescha, sua mulher predilecta e a confidente dos seus pensamentos. Mahomet, para socegar os seus partidarios, mostrava a serenidade mais perfeita; fallava sem cessar de Deus e da vida futura. Um dia que os que o cercavam mostraram espanto do seu padecimento, disse-lhes: « Nenhum propheta antes de mim soffreu o que eu soffro; porém quanto mais viva é a dor maior será a recompensa. » Depois acrescentou: « O Senhor costuma dar aos seus servos a escolha d'este mundo ou do outro; eu preferi o que está juncto de Deus. » No segundo dia da sua doença quiz assistir á oração com o povo; levaram-n'o á mesquita. Depois de ter celebrado os louvores de Deus, fallou assim: « Oh homens! se eu fiz espancar injustamente algum de vós, aqui estão as minhas costas, tracte-me como o eu tractei; se dilacerei a reputação de alguém, dilacere a minha; se injustamente exigi dinbeiro, aqui está a minha bolsa. » Depois deu a liberdade a todos os seus escravos, e communicou as ultimas vontades aos seus companheiros. Deixou tres preceitos: o primeiro para que expulsassem da Arabia os idolatras e todos os que não professassem o islamismo; o segundo para que recebessem todos os proselytos, sem fazer nenhuma differença dos musulmanos novos ou velhos; o terceiro recommendando a oração. Acabou amaldiçoando os judeus, cujas perfidias e odio lhe causavam a morte. Com tomar a doença um caracter mais grave enfraqueceu-se-lhe a cabeça. Contam que dois

dias antes de soltar o derradeiro suspiro pediu tinta e papel para minutar um novo Koran; o que prova que Mahomet sabia lèr e escrever, pelo menos nos ultimos annos da sua vida. « Quero deixar um livro, disse elle, com o qual não se possa mais errar depois da minha morte. » Estas palavras levantaram grande rumor na sala; perguntaram uns aos outros se não tinham já o Koran, e se este livro não bastava para esta vida e para a outra; chegou mesmo a haver disputas. Foi talo motim que Mahomet, tornando em si, se deu pressa em despedir a companhia: « Não é decente, exclamou elle, altercar assim na presença do apostolo de Deus. »

Mahomet expirou a 8 de junho de 632, com sessenta e tres annos de idade; tinha começado a prégar na de quarenta annos, e havia dez que habitava em Medina. O propheta foi sepultado debaixo da mesma cama em que morrêra; mas pelo tempo adiante levantaram-lhe n'este logar uma mesquita, onde os musulmanos veem peregrinar. « Sem razão teem alguns escriptores affirmado, diz Mr. Reinaud, que os restos de Mahomet tinham sido mettidos n'um caixão de ferro, e que este caixão estava suspenso no ar por um grande iman que pendia da abobada.

Em que Mahomet é na verdade unico, é, d'um lado, na prodigiosa habilidade com que preparou o seu papel; do outro, na imperturbavel firmeza com que o desempenhou. Mahomet era chão, modesto, e tão sobrio, que, quando morreu, ouviram Aieica exclamar: « Oh tu que nem pão de cevada comias a fartar! » Com effeito em sua casa, as mais das vezes tamaras e agua eram todo o alimento; e passavam ás vezes dois mezes sem alli se accender lume. O propheta não se distinguia dos outros homens nem pelos vestidos nem pelo modo de viver: ao principio tinha tomado a liberdade de se vestir de algodão mas achando que o algodão era rico de mais, prohibiu a si mesmo o uso d'elle e vestiu-se de lã. Aboul-fedá conta que elle cosia o seu calçado, remendava os seus vestidos, varria o seu aposento, e servia-se a si mesmo. A maior parte da cevada e das tamaras que Mahomet colhia deixava-as aos pobres; sustentava constantemente quarenta pessoas á sua custa. Mais de uma vez lhe aconteceu carecer do necessario. Mahomet era mui zelador dos interesses dos seus amigos e confidentes, folgava de os servir com o mesmo ardor com que elles o serviam; porque lhe parecia ser este o meio mais seguro de os prender á sua causa; empregava a maior attenção em cercar de honras as pessoas em quem delegava auctoridade. Um dia que um dos seus officiaes partia para Meca para ir governar uma provincia, poz-lhe por sua mão o turbante na cabeça, e, depois de o ter ajudado a montar a cavallo, acompanhou-o por algum tempo a pé, dizendo: « Cumpre honrar aquelle que está revestido de mando; não faço nada que não seja conforme ás ordens de Deus. » Mas tão disposto estava sempre para favorecer os seus amigos, quanto implacavel era para com os inimigos: contra os que lhe estorvavam os intentos não reprimia as demasias da cholera. E n'isto quinhoava o humor vingativo dos seus compatricios; nem mostrou grandeza d'alma senão quando viu inabalavel o seu poder.

(Continua)

*OBSTACULOS irremoviveis não deixaram publicar este numero no dia proprio: A Sociedade do Panorama empregará porém todos os esforços para que a publicação continue com regularidade.*